COLECÇÃO OESTE

leilão trágico

COMICS NA WEB

M. L. ESTEFANIA

Ei

COLECÇÃO OESTE

leilão trágico

M. L. ESTEFANIA

colecção OESTE-146

Leilão Trágico

colecção OESTE

Últimos volumes publicados:

137 — O RIFLE DE OURO
por M. L. Estefânia
138 — UMA MULHER DE «SALOON»
por Sihner Kaule
139 — TIROS E PÓLVORA, de A. Folcest
140 — LUTA SEM FIM, por Keith Luger
141 — QUEM NO FINAL VENCERÁ?
por Orland Carr
142 — CORAGEM E CHUMBO
por John Lack
143 — UM REVÓLVER PERIGOSO, por Kelth Luger
144 — FAMA INJUSTA, por Marcial L. Estefania
145—CUMPRIREI COM O MEU DEVER, por John Lack
146 — LEILÃO TRÁGICO, por M. L. Estefânia

A seguir:

147 — O MISTERIOSO FLIOT, por Fidel Prado

Reservados todos os direitos para a Língua Portuguesa em conformidade com a lei em vigor

---

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE BERTRAND (IRMÃOS), LDA. — TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 7 — LISBOA

M. L. ESTEFANIA

Leilão Trágico

Tradução de
ED. MOTRENA

EDITORIAL IBIS, LDA.
Rua Henrique de Paiva Couceiro
Venda Nova — AMADORA

outras colecções
do OESTE
publicadas pela

Editorial IBIS, Lda.

COLECÇÃO
CALIFÓRNIA
COLECÇÃO
KANSAS
COLECÇÃO
«COLT»
COLECÇÃO
COLORADO

PREÇO: 8$00

Volumes «Extra» — Preço: 12$50

PEDIDOS A
LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

CAPITULO I

Os hurrás, os bravos, as palmas e os tiros, que enchiam o estabelecimento de fumo de pólvora, por vezes asfixiante, impediam que se ouvisse qualquer conversa.

A jovem que provocara todas essas expansões, sorria no pequeno palco e atirava beijos nas pontas dos dedos aos espectadores, até que se fez silêncio, voltando o «saloon» ao seu ambiente normal, com o murmúrio das conversas, dos jogadores da roleta e das mesas de dados e de jogos de cartas.

— Annie! Onde foste buscar esta jóia?

— Que tal achas, Hilary?

— Admirável, tanto como mulher, como

artista. Na qualidade de crítico de arte em várias cidades de Este, posso afirmar-te que é do melhor que tenho visto e ouvido, e que ganharia o que quisesse em qualquer teatro de Nova Iorque ou de Chicago. Estou certo de que deve conhecer ópera.

— Tens razão. É o que ela preferia cantar. Mas nem o pianista conhece esse género, nem nós temos partituras.

— Aqui, seria um fracasso. Deve continuar a cantar números picarescos, de cabaré, que é do que esta gente gosta.

— Não é como as outras. E não obstante, move-se com uma habilidade espantosa. Finda esta exibição vai dançar com os clientes. Todos querem ser os primeiros. De forma que tenho de fazer um sorteio.

— Deves proibir esse baile. Ela que cante sòmente. Já é bastante.

— Seria um desastre. Ela já deu conta disso e acede, a dançar.

— Não poderá resistir muitos dias...

— Eu não tenho culpa, bebes um «whisky»?

— Só um. Tenho de ir para o jornal.

— Porque te obstinas em seguir essa vida? Não ganhas muito, não é verdade?

— O suficiente para viver...

— Porque não publicas anúncios? São eles que, na realidade, mantém um jornal.

— Continuo a anunciar a tua casa e agora vou fazê-lo, com esta artista.

— Mas isso não está bem! Deves dizer-me quanto te devo?

— Nada! És minha amiga e tenho tudo quanto quero da tua casa.

— Nasceste para ser pobre e não queres ser rico. Além disso, teimas em atacar esses tipos que mandam na cidade! Que ganhas com isso?

— Em ter o prazer de que eles não me dominam...

— Sabes que vão montar mais dois jornais?! Já cá estão dois jornalistas. Que

será do teu, quando eles publicarem o seu?!

— Eu não sou ambicioso e as minhas despesas são pequenas. — Interromperam a conversa, porque nesse momento apareceu a artista.

— Então estás contente?

— Encantada! — respondeu Annie. — Este meu amigo, Hilary, que foi crítico de arte, afirma que poderias ganhar o que quisesses em Nova Iorque ou em Chicago...

— Obrigada, pelo elogio!

— Eu não elogio, apenas sou justo. Gostaria de ouvir cantar-te, por exemplo, a ária da «Tosca» ou a «Traviata»... Gosto imenso do «bel-canto», como dizem os italianos...

Nesse momento, a jovem foi rodeada pelos que queriam casar com ela.

— É uma boa artista e uma bela mulher! — comentou Hilary, ao vê-la afastar-se.

— Vejo que estás entusiasmado — disse Annie. — Pensa na tua idade...

— Podes estar tranquila. Há muito tempo que perdi a ilusão e a fé nas mulheres. Tão-pouco esqueço que fiz há dias os quarenta anos.

Pouco depois de Hilary ter saído, um individuo elegantemente vestido, acercou-se de Annie.

— Que disse Hilary? O seu jornal tem os dias contados... Quando sairmos com o nosso, ninguém comprará a sua «folha de couve».

— Aqueles que amam a verdade continuarão a comprá-lo! Hilary é incapaz de publicar coisas que não sejam verdadeiras. Vocês não me enganarão, nem a mim, nem a Hilary.

O jornalista mudou de conversa.

— Disseram-me que a artista canta muito bem. É verdade? Que pena ter chegado tarde!... É estranho que não tenha ido cantar para...

— Para o «saloon» de Horace, não é assim?

— De facto, é o maior de todos.

— Horace é só teu amigo ou também é sócio? Ele deve estar aborrecido, ao saber que a minha casa está sempre cheia...

— Se ela fosse para lá...

— O «saloon» de Horace passaria a ser mais frequentado... Não é o que queres dizer?...

— Zangas-te comigo, se eu falar com ela?

— É natural... Nas mesmas condições, ela não sairia daqui...

— És um cobarde, Biff!

— Não repitas isso, Annie! Essa rapariga pode ganhar mais do que tu lhe pagas!

— É bom que todos te conheçam na cidade. Julgavam que eras um advogado recto... E afinal, és apenas sócio de Horace.

— Cala-te! Não me faças perder a paciência!

— Que se passa, «mister» Odelholt? — perguntou o xerife, acercando-se dos dois. Biff Odelholt explicou-lhe o que se passava. E o xerife concordou. — Annie não tem por que se aborrecer. O «saloon» de Horace é muito maior. Portanto, pode pagar melhor.

Ethel, a cantora, aproximara-se deles.

— O senhor não pode negar as suas preferências — disse Annie, dirigindo-se ao xerife. — Foi Horace que o mandou reforçar os argumentos do seu sócio?

— Vê lá como falas! — exclamou o xerife — Não me obrigues a fechar-te a porta.

— Compreendo! O que o senhor quer é que o provoque, para ter um pretexto para isso!...

— Deve calar-se, Annie!—pediu Ethel — Não lhes dê o motivo que eles procuram. Quanto ao resto, podem oferecer-

-me cem vezes mais do que eu ganho aqui, que não deixarei o seu «saloon».

— Veremos isso — retorquiu Biff. — Há-de haver alguns que não gostem de ouvi-la cantar...

— Os que vierem armar escândalo não sairão vivos daqui... Não ouviram rapazes o que esse cobarde acaba de dizer, sem que o xerife proteste?

Os presentes mostraram uma atitude hóstil, o que fez que o xerife e Bill Odelholt não ficassem muito tranquilos.

CAPÍTULO II

Hilary soube nesse dia, pela própria Annie o que Biff e o xerife queriam fazer, e no outro dia, o «Everiday» falava de Ethel elogiando-a e afirmando que era a melhor cantora de todo o Oeste, ao mesmo tempo que aconselhava todos os seus leitores a irem ouvi-la. Horace,

agitando o jornal na mão, exclamava furioso:

— Com o que esse porco escreveu, são capazes de linchar os rapazes que forem assobiar contra Ethel. É preciso, meter medo a Hilary, e fazê-lo calar.

— Deixa estar... Não demorará muito. Quando o cutro jornal aparecer, verás.

— O melhor é percorrer os outros «saloons», para preparar o ambiente...

Não só os amigos de Horace e de Biff, como estes próprios, percorreram os vários «saloons», com cujos donos Horace falou em particular.

Hilary não tardou a saber o que se passava, e foi ter com Annie e Ethel, tendo esta afirmado que actuaria, desse lá por onde desse. Qando ia a sair do «saloon», Hilary foi abordado por um vantajista do «saloon» de Horace, que lhe perguntou:

— Quanto te pagaram para falar assim dessa cantora?

— Não me pagaram nada. Não fiz mais do que dizer a verdade...

— Veremos isso esta noite... Vamos ouvi-la...

Hilary afastou-se do vantajista, convencido de que estavam planeando um escândalo para interromper o espectáculo dessa noite.

Muito antes da hora marcada, já o «saloon» estava a abarrotar de gente, o que fez Annie por-se intranquila. Ethel, porém, acalmou-a. Assim que a orquestra começou a tocar, os desordeiros puseram-se a assobiar. Ethel entrou no palco, sorridente, e tomou uma atitude de expectativa, esperando que os díscolos se calassem. Entretanto, os amigos de Annie tinham tomado lugares escolhidos, de modo a isolarem os apaniguados de Horace, aos quais se atiraram com fúria, dando-lhes uma tareia formidável, após o que os levaram para a rua.

Foi então que Ethel começou a cantar.

escolhendo os melhores números do seu repertório, que, sabia eram do agrado do público.

O próprio médico, ao cuidado de quem foram entregues alguns feridos, os censurou:

— Não foi mal feito. Vocês são uns estúpidos. Quem os mandou fazer aquilo antes mesmo de que Ethel aparecesse em público?

Não satisfeito com isso, foi ao «saloon» de Horace para falar com este e reprovar a sua atitude.

— O que se passou no «saloon» de Annie, foi obra tua? Os ânimos estão excitadíssimos... Foste tu quem mandou esses provocadores ao «saloon» de Annie, não é verdade?

— Não, senhor...

— Depois, não te admires do que possa acontecer.

Além do médico, outros amigos censuraram a atitude dele.

— O resultado foi contraproducente. Em vez de ridicularizarem a artista, fizeram dela um verdadeiro ídolo.

O próprio xerife foi da mesma opinião, quando Biff lhe foi pedir que fechasse o «saloon» de Annie.

— Estás doido, com certeza. Queres que me arrastem pelas ruas e depois me linchem? Não. De resto, o que vocês fizeram foi dar mais popularidade a essa artista... Além disso, não compreendo o motivo dessa campanha...

— É que faz-se muito menos negócio que dantes. Especialmente nos outros «saloons».

— Como advogado que és, trata tu disso... — E voltou-lhe as costas.

Uma hora depois, a sua presença foi reclamada pelos amigos de Horace, que estavam reunidos no «saloon» deste.

— Tens de demonstrar que és o xerife da cidade.

— A minha opinião é que se deve

deixar essa rapariga em paz. Tornou-se mais popular por causa de vocês...

— A lei deve intervir num estabelecimento, como o «saloon» de Annie, onde os incidentes se repetem todos os dias com a intervenção dos empregados contra os clientes, que ficam gravemente feridos, quando não, mortos. De momento deve mandar fechar o «saloon» de Annie e fazer calar o jornal de Hilary...

Discutiram ainda durante algum tempo, mas não chegaram a acordo acerca de Annie. Ainda estavam todos reunidos, quando entrou um homem para lhe dizer que acabava de chegar Anderson e a sua equipa.

— Esse é que se pode encarregar disso — sugeriu Horace. — Eu falarei com eles.

No dia seguinte, no leilão de gado figuravam reses de Anderson. Os compradores defendiam os seus interesses, obedecendo a um plano preconcebido. Hilary que ia sempre assistir a esse duelo, en-

controu Ethel que fora levada pela curiosidade.

— Tu... aqui?

— É verdade. Estou a ver como os compradores, de comum acordo, estão roubando os ganadeiros. Não deviam permitir isto... Devem dar uns preços de acordo com os matadouros... Pagam a cêntimo e meio e vendem aos matadouros a cinco ou seis dólares.

— Parece que percebes disto!...

— Tenho passado largas temporadas em ranchos.

— Silêncio! — gritou o pregoeiro. — Vai leiloar-se uma manada de «mister» Anderson.

— Que grande ladrão! — observou Hilary em voz baixa.

— Conhece-lo?

— É dos mais cínicos e cruéis. Nenhuma cabeça de gado lhe pertence.

Fez-se silêncio. Um condutor apareceu com uma rés para amostra. Mas nesse

momento, ouviu-se uma voz de protesto:

— Essa rês é minha! Roubaram-nos a manada, no meio do caminho. E não me mataram, por eu ter ido a Meada. Ladrões, assassinos!...

Ouviu-se um tiro, que lhe cortou a palavra, ao mesmo tempo que o tipo que o disparara, exclamava:

— Embusteiro!...

— Um assassinio! — comentou Ethel. — Não há ninguém que castigue o criminoso?

Um outro condutor acercou-se dela:

— É melhor que te cales, pequena! Não o ouviste chamar ladrão a Charles?

— O que eu ouvi foi dizer que a rês era sua... não lhe deram tempo a provar isso, nem ele, sequer, concretizou quem a roubara.

Hilary levou-a dali, dizendo:

— Não deves falar-lhes assim. Toda a gente sabe que o gado que Anderson

traz para vender é roubado e ninguém protesta.

— Pois quem vai fazê-los aborrecer sou eu...

CAPÍTULO III

— Cêntimo e meio!...

— Isto é um roubo! — lamentou-se o ganadeiro. — Estão de acordo!

— Quatro cêntimos! — gritou Ethel.

Hilary fitou-a, assombrado, ao mesmo tempo que fazia um grande reboliço.

— Um momento! — disse o tipo que oferecera cêntimo e meio. — Essa mulher não pode arrematar! Todos sabem quem é ela! Continuo com o mesmo lanço.

— Eu ofereci quatro cêntimos. Se quer ficar com o gado, tem de oferecer mais — disse Ethel, com firmeza.

— Sinto muito!—retorquiu o pregoeiro. — Mas não posso tomar em consideração a sua oferta.

— Xerife!—gritou Ethel. — Há alguma Lei que me proiba tomar parte num leilão?

— Há uma que proibe os cambões e os «gauchos», para fazer subir o preço do gado...

— Isto não é leilão. É simplesmente um roubo, combinado entre os compradores, com o seu consentimento, xerife. Mantenho a minha oferta e se a manada me for arrematada, pago-a imediatamente... Quatro cêntimos!...

— Cinco cêntimos! — replicou uma voz varonil.

— Outro «gancho»!

Todos olharam para o homem que fizera o lanço.

— Quem lhe disse que eu sou um «gancho»? — perguntou o desconhecido.

— Creio que o pregoeiro é que está de acordo neste roubo, perfeitamente planeado.

— Não posso aceitar os teus lanços,

por que ninguém te conhece — disse o pregoeiro.

— Xerife! O senhor está de acordo com este cobarde? Cobarde, sim. Não me olhes dessa forma... O que merecias era que te linchassem.

Os condutores honrados e os ganadeiros começaram a gritar, ao ponto do leiloeiro pedir o auxílio do xerife.

— Deves ter em conta que ninguém te conhece aqui...

— Eu sou uma pessoa honrada, o que me parece que o senhor não é...

— Não posso permitir-te que me insultes...

— O senhor é que me insultou primeiro. Se desconfia que sou um «gancho», e se eu não pagar a manada no acto da arrematação, que me enforquem.

— E levantando a voz, acrescentou. — Cinco cêntimos!

— Seis cêntimos! — disse outra voz juvenil. Ethel sorriu para o rapaz alto

que ameaçara o xerife e pôs-se a conversar com ele. — Seis cêntimos! — repetiu o segundo lançador. — Então, já não ofereces mais?

— Não posso pagar mais de cinco cêntimos por cada libra. Bem vê! Um dólar e cinquenta por arroba já é o bastante...

— Nesse caso, a minha oferta fica sem efeito.

— Isso é que não pode ser! — disse o desconhecido!

— Xerife! Deve tomar conta desse rapaz! Bem disseram que é um «gancho».

— Tenha cuidado, xerife! — advertiu o jovem. — Uma vez que esse homem fez um lanço superior ao meu, tem de mante-lo.

— Fiz isto para provar que esse forasteiro estava combinado com o ganadeiro.

— Quando tiver pago a esse homem, matá-lo-ei... — retorquiu o jovem, com a

maior tranquilidade.—E depois não tente incomodar-me, como não incomodou também aquele pobre homem, que se queixava de o terem roubado...

—Esse pobre homem insultara «mister» Anderson, chamando-lhe ladrão.

—Que me diz? Hugh Anderson deixou de ser ladrão de gado?! Agora já não me surpreende o que se passa nesta cidade. Cuidado, xerife. Tenha as mãos quietas.

O xerife deixou cair os braços, ficando imóvel, enquanto o jovem forasteiro se afastava.

Assim que voltaram as costas, o xerife e o comprador ficaram a discutir, afirmando o segundo que caíra numa armadilha, e o xerife, que ele tinha de pagar as reses, à razão de seis cêntimos por meio quilo, o que significava vinte a vinte e cinco dólares por uma rês normal de duzentos quilos. Em troca, quem estava contente era o ganadeiro.

— Tivemos sorte em que esses dois jovens interviessem no leilão — disse ao capataz.

— Mas, por ajudá-lo, podia ter complicado as coisas. Porque a verdade é que não se pode empregar «ganchos».

— Queres dizer que são «ganchos» a meu favor? Como, se nunca os vi?...

— Vamos, patrão. Está a falar comigo... Não deve ter segredos...

— Já te disse que nem sequer conheço esses rapazes — retorquiu o ganadeiro, franzindo o cenho. Quando o capataz saiu, seguiu-o a distância, vendo-o entrar em um dos «saloons», onde se pôs a conversar com um dos compradores, acompanhado, por sua vez do que oferecera seis cêntimos a cobrir o lanço do forasteiro. O ganadeiro, de nome Zack Limmerick, voltou ao rancho, falando com o cozinheiro acerca do que vira.

— Realmente é estranho — observou o cozinheiro. — Não compreendo John. Não

posso admitir que estivesse de acordo com esses tipos. Se comprovas a sua cumplicidade, deves prescindir dos seus serviços.

— É o que vou fazer, mesmo sem comprovar nada.

★

Na manhã seguinte, Zack foi ao acampamento, para encomendar aos seus homens que pesassem as reses. Depois, foi ao «saloon» de Annie. Ethel estava conversando com o jovem forasteiro que interviera no leilão. Ao vê-los, aproximou-se deles.

— Estou-lhes muito grato pelo que fizeram. Mas, confesso, que tive medo, pela vossa atitude, em me ajudarem.

— Não é isso!... — disse o jovem. — Se eu tivesse de ficar com a manada, tê-la-ia pago.

— E eu, também! — acrescentou Ethel.

Zack estava convencido de que os

dois jovens queriam tranquilizá-lo. Convidou-os a beberem o que quisessem.

Ethel, porém, objectou:

— Se nos vissem a beber, juntos, julgariam, com efeito, que estávamos de acordo consigo. Não pensou nisso?

— Eu só queria vê-los para lhes agradecer, e quando me pagarem...

— Não continue — interrompeu o jovem forasteiro. — Não quero ter de rectificar. Consideram-no um ganadeiro honrado e a sua atitude indica que se enganou connosco. Deve ir-se embora.

Zack estava desconcertado, sem compreender nada.

— Olá, Zack — disse Annie, acercando-se dele. — Disseram-me que salvaste a manada, graças a estes dois loucos, que compreenderam que estavam a roubar-te.

— Escuta, Annie! — disse o jovem. — Já contámos a este ganadeiro o que pensamos. Não compliques mais as coisas...

— Mas... — exclamou Annie, fitando-o.

— Creio que tu, com a tua boa fé em tudo, também não compreendeste. Estás tão enganada como ele...

Annie olhou para Ethel.

— Julgam que eu estou louca? E julgam também que os vaqueiros e os condutores são parvos?! Tu estás ganhando dez dólares, por dia, para cantar no meu «saloon». Quantas reses poderias comprar por esse dinheiro? Nem uma podial...

— Lamento ter-me enganado contigo, Annie! — disse Ethel. — Julguei-te diferente... Enfim! A vida é assim mesmo! — Dirigiu-se ao jovem: — Podes esperar por mim?... Como te chamas?

— Perry Scott!

— Espera! Tenho de ir buscar ao quarto as minhas coisas...

Pouco depois saía com as suas duas malas, aproximando-se de Annie:

— Quero agradecer-te a tua genero-

aldade e pedir-te desculpa de alguma falta da minha parte.—E saiu com Perry.

Annie nem sequer lhe respondeu e foi meter-se no seu quarto. Zack, que ficara também surpreendido, saiu do salão.

Pouco depois, Ethel e Perry hospedavam-se no hotel.

CAPÍTULO IV

—Não gosto que me considerem parva — explicou Annie a Hilary, contando-lhe o que se passara com Ethel. — Como podia admitir que ganhando apenas dez dólares por dia, estivesse disposta a pagar mais de vinte mil? E com Perry aconteceu o mesmo.

—Essa rapariga é um mistério — observou o jornalista. — E não é nada do que todos nós julgamos. E a razão porque veio cantar na tua casa, só ela o saberá.

Ao pensar que tinha perdido dois bons amigos, Annie estava aborrecida.

Entretanto, Hilary foi ao hotel, onde sabia que Ethel e Perry se haviam hospedado. Encontrou-os a almoçar. Ele resolveu também almoçar e quando travaram conversação, abordou o assunto:

— Têm de concordar que, para quem não te conheça, Ethel, o caso mostrava-se estranho. Ninguém poderia pensar que estejas em condições de comprar uma manada, como ninguém pode adivinhar que trabalhes num «saloon» onde se possa encontrar melhor do que em qualquer outra parte determinadas pessoas...

— Não compreendo...

— Compreendes, sim.

— Eu também já lhe perguntei o nome e os sinais do indivíduo que procura...

— Estão enganados... Eu não procuro ninguém. — A sua negativa aborreceu tanto Hilary, como Perry que, daí a

pouco, saíam desgostosos ao ver que Ethel parecia não confiar neles.

Ethel, ao ver-se sòzinha, sentiu como que um vazio na sua alma. Resolveu ir passear. Pouco depois encontrou-se com o xerife, que lhe disse se considerasse presa, por ter feito «cambão» na hasta pública.

— Já lhe disse que não é verdade.

— Agora tenho provas. O capataz de Zack afirmou-me que o patrão estava combinado com vocês e que, por sinal, os três estiveram reunidos no salão de Annie.

— Isso é mais uma infâmia dos compradores.

Ainda eles não tinham acabado as primeiras palavras da discussão, já todos sabiam que o xerife ia prender a artista. Quando no estábulo se soube isso, um dos tratadores disse para Perry, que tinha ido buscar o seu cavalo:

— E o xerife também quer prender-te,

pelo mesmo motivo. John, o capataz de Zack, é que denunciou o caso, dizendo que vocês estiveram juntos no «saloon» de Annie.

— Irei procurar esse cobarde para ver se ele é capaz de dizer o mesmo na minha frente.

No meio do caminho encontrou Ethel, que lhe contou demoradamente o que acabara de passar-se com o xerife. Entretanto, John, o capataz de Zack, continuava a sua propaganda num dos «saloons», sem saber que poucos momentos antes o xerife, assustado com a atitude dos curiosos, quando tentara deter Ethel, se metera no xerifado para evitar complicações. O dono do «saloon» mandara chamar Hilary para ouvir a conversa do capataz e colher elementos necessários para escrever um artigo.

O jornalista, porém, teve a infeliz ideia de meter-se na conversa, contestando alguns argumentos falsos, apresen-

tados pelo capataz, o que lhe valeu ser agredido, de surpresa, por alguns companheiros de John. Embora não tivesse recebido ferimentos de gravidade, Hilary foi logo a casa do médico para lhe fazer os tratamentos que se impunham.

Quando soube do caso, Perry foi visitá-lo, ficando mais tranquilo ao verificar que o caso não era de gravidade. E aconselhou-o a não escrever, fosse o que fosse, a tal respeito.

— Deixa o caso comigo. Eu é que vou procurar esse cobarde...

— Não vás lá!... Far-te-ão o mesmo que me fizeram. Eu é que quero devolver-lhe a sova.

— Já te disse. Vai para casa de Annie. Eu vou deitar-me e amanhã veremos o que se há-de fazer.

O xerife foi interrogar Hilary acerca da agressão de que fora vítima.

— Podes estar certo de que o dono do «saloon» está desgostoso com o que

se passou. Hilary não tem culpa de nada.

— Pois não! — retorquiu o jornalista, embora convencido do contrário. — John, o capataz, é que foi o responsável.

Entretanto, Ethel voltara a cantar no «saloon» de Annie, sendo convidadas para assistir à sua reaparição todas as autoridades e as pessoas de maior destaque. O espectáculo foi quase um acontecimento invulgar, de tal modo que os outros «saloons», nessa noite, não tiveram freguesia. Quando, porém, todos estavam entusiasmados, ouviram o sino da igreja tocar desesperadamente, a anunciar fogo.

Acorreu gente de todos os lados ao local do incêndio: era no «saloon» onde Hilary fora brutalmente agredido. Todos os empregados e empregadas que haviam sido despertados, sùbitamente, trabalhavam com afinco. Mas nada puderam fazer. A casa era um autêntico braseiro.

O dono chorava, com desespero. Ao ver o juiz e o xerife, dirigiu-se-lhes:

— Deve ter sido obra de Hilary, para se vingar...

— Não! Ele tem estado toda a noite ao pé de nós, no «saloon» de Annie... Deve ter sido alguma ponta de cigarro, algum descuido.

— Esperem! Talvez fosse Perry...

Admitindo essa possibilidade, foram ao hotel onde o jovem estava hospedado. Ao saber do que se tratava, o dono assegurou-lhes que não podia ter sido Perry, o que foi confirmado pelos criados, pois o jovem forasteiro não saíra do hotel, depois de cear. Com efeito, quando foram bater-lhe à porta do quarto, Perry apareceu-lhes meio vestido e extremunhado, patenteando o maior assombro pelo facto e declarando que não tinha dado por coisa alguma.

CAPÍTULO V

Annie e Ethel tinham feito as pazes Annie estava convencida de que foi Perry quem pegara fogo ao «saloon».

— Por isso mesmo é que fez com que Hilary estivesse aqui toda a noite.

— Mas como podia ele ter feito isso?

— Só ele poderá explicar.

Pouco depois os dois jovens apareciam no «saloon», resolvendo, a pedido de Annie e de Ethel, ir passear com ela Quando chegaram à rua central, que dividia a cidade em duas partes tão diferentes, Annie teve este comentário:

— Enquanto houver esta divisão, nossa cidade será uma terra sem Lei..

— De facto, não se compreende isto — observou Ethel.

— Pois não! E para quê, vão ver.

Quando entraram num «saloon» da outra parte da cidade, puderam conven,

cer-se da popularidade que Annie go-
ava, bem como Ethel. O próprio dono,
oferece-lhes de beber. Nessa altura, um
dos clientes pôs-se de pé e disse:

— Agrada-nos ver-te aqui, Annie. E
podes estar certa de que aqui todos te
estimam. Sabemos que estás contra as
autoridades e que estas procuram um
pretexto para fechar o teu «saloon». —
Depois voltou-se para Hilary: — Fala-se
de que, dentro de dias, sairá um novo
jornal. Sabes alguma coisa?

— Parece que sim!... Sei que andam
a angariar anúncios.

— Já cá vieram, mas todos se negaram
a isso... Queriam vinte dólares mensais
por um anúncio e não sei que mais...

— Devem ter cuidado. Podem fazer-
-lhes mal. Não lhes convém defrontar-se
com eles... E muito menos, ao princípio.

— Vinte dólares mensais, é um roubo.

As manifestações de simpatia foram
aumentando de tal modo que, quando

eles saíram, uma verdadeira multidão acompanhou-os até à rua, que era como que uma linha divisória.

Ao chegarem ao «saloon» de Annie, verificaram que algumas mesas e cadeiras estavam partidas.

— Que aconteceu? — perguntou Annie, irritada.

— Uns condutores de Anderson e o próprio capataz Charles, envolveram-se em desordem, causando estes estragos.

— Felizmente, os estragos não foram grandes — observou Hilary.

Perry não disse nada, mas considerava-se responsável por tudo. Atribuía aquilo a uma vingança, como réplica ao incêndio. Não falaram mais no caso.

Quando os dois amigos saíram e Hilary chegou ao jornal viu, com desgosto, que tinham ido ali empastelar todo o tipo e partir os cavaletes e caixotins avariando também a máquina de impressão. Era mais uma vingança. Mas, dessa

vez, de pessoas entendidas, provàvelmente dos jornalistas que, dizia-se, iam publicar outro periódico.

— Deve ser obra de Horace, desse advogado cobarde e dos seus amigos.

— Precisas de dinheiro para refazer isto, não é verdade? — perguntou Perry.

— Evidentemente. Não cheguei a fazer economias...

— Não te preocupes! — retorquiu Perry. — Quando eles quiserem começar a trabalhar, terão o mesmo contratempo... Se soubesses onde eles vão montar a tipografia e a redacção...

— Sei, sim! — disse Hilary. — Esta noite irei fazer-lhes uma visita...

— Irei também... — Hilary tentou fazê-lo desistir, mas perante a insistência de Perry acabou por ceder.

Pouco depois saíram para percorrer alguns «saloons», até que entraram num onde se encontrava Biff com alguns dos seus amigos.

Perry e Hilary começaram a percorrer as mesas de jogo.

— Que fazem aqueles dois nas mesas de jogo? — observou uma das mulheres para o dono da casa.

— Hilary passa as horas a ver jogar.

— Pois não deviam andar aí...

— Eu não posso proibir-lhes isso. Há sempre curiosos.

Outra das mulheres, seguindo instruções de um jogador, dadas com um simples olhar, convidou Perry a sentar-se. Um jogador olhou-o:

— Este rapaz deve ser um bom parceiro, visto que estava resolvido a comprar uma boa manada por bom preço...

— Eu só gosto de jogar forte... Com uma parada inicial de mil dólares...

— E Hilary também? — perguntou o jogador.

— Eu não tenho tanto dinheiro para jogar... De resto, preciso de sair.

Entretanto, Perry começara a jogar

com os outros três parceiros, sem que ocorresse nada de anormal. A mesa e os jogadores estavam cercados pelos curiosos, que não perdiam a mais pequena jogada. Quando, decorrida uma hora, Hilary regressou, o dono do «saloon» fitou-o surpreendido. Havia trocado o seu fato de cidade pelo vestuário de vaqueiro, com dois «Colt», pendentes do cinto. Um cliente observou:

—Já reparaste no jornalista? Parece outro!

—Repareil Estou surpreendido! E logo com dois «38»!...

O dono do «saloon» estava inquieto, pensando na conversa que tivera com Hilary nessa mesma tarde. O jornalista, que não deixava de observar todas as reacções, acercou-se da mesa onde Perry jogava, ouvindo um prolongado rumor. Perry tinha diante de si um monte de notas de Banco e de moedas. A última jogada é que motivara o rumor.

— É um rapaz com coragem.

— E conseguiu desmoralizar os outros.

Hilary sorria ao ver os rostos dos jogadores congestionados. Por vezes, discutiam, mas depressa se acalmavam. E Perry continuava ganhando.

CAPÍTULO VI

— Como sabes que eu tinha boa jogada? Tem cuidado! Foste tu quem baralhaste as cartas. Todos estes podem pensar que se sabes que eu tinha uma boa jogada não era porque tivesses visto nos meus olhos qualquer reacção.

— Todavia, olha. Tinhas razão.

— E Perry voltou a carta que acabara de deixar cair.

— Um «poker» de damas! Tinhas razão ao imaginar que eu tinha boa jogada. Mas olha! — E antes de que pretendes-

sem evitá-lo, voltou a carta do outro, que o mandara calar. — Este ter-me-ia limpado com o seu «poker» de reis. — Os curiosos abriram os olhos e a boca com surpresa, levantando-se então um grande rumor. — São uns vantajistas torpes — disse Perry, apontando-lhes os «Colt».

— Não julgarás que...

— Havias então visto no meu rosto que eu tinha uma boa jogada. Levantem as mãos ao ar. Hilary, revista estes cavalheiros... Uma boa surpresa espera as testemunhas. — Mas os jogadores indicados desceram ràpidamente as mãos, sem contudo surpreenderem Perry, que disparou contra eles, inutilizando-lhes apenas os braços. — É melhor revistá-los!

Hilary, porém, estava atento aos dois vaqueiros que se encontravam ao pé do balcão. Por este motivo, outro dos jogadores disse:

— Eu revisto-os. Se se encontrar al-

guma coisa suspeita, enforcá-los-emos! — Mas todos ficaram surpreendidos, ao vê-lo cair varado por uma bala de Perry.

É que o jogador puxara por um «Colt», procurando atingir Perry.

— Este era outro que estava de acordo com os dois vantajistas!

— Hank! — gritou um dos feridos. — Vais deixar que nos matem?

O dono do «saloom», Hank, tremeu:

— Não quero que façam batota na minha casa! Todos sabem isso muito bem!

— Cobarde! — disse o outro. — Porque não dizias isso quando te dávamos a parte que exigias?

— Cobarde! Mentiroso! Vou dar-te o...

Mas foram Perry e Hilary os que dispararam ao mesmo tempo. Foi o princípio da explosão humana, que arrasou parte do «saloon», matando meia dúzia de vantajistas. As mulheres e outros empregados fugiram como loucos, tendo

assim salvado a vida. Entretanto, Perry e Hilary saíram com a maior calma. O primeiro levava no bolso uma verdadeira fortuna.

— Toma isto... Tens aí o suficiente para comprares outras caixas, mais tipo e mandares arranjar a máquina de impressão.

— Mas tu é que ganhaste esse dinheiro...

— Com esse fim...

— Pois, sim. Mas não tratarei de nada sem que sejam enforcados os que me deram cabo de tudo...

— Será esta mesma noite.

★

Alheios a tudo isso, os dois jornalistas que haviam chegado na véspera e que comentavam com Biff e Horace o assalto à tipografia de Hilary.

Nesse momento apareceram dois em-

pregados de Hank, que haviam fugido do que acontecera no «saloon». Quando eles acabaram de contar tudo, Horace mostrou-se inquieto.

— Quer dizer, então, que Hilary é mais perigoso do que o outro!? E afinal, Biff, tu dizias que ele ia morrer de medo.

— Não façam caso! — retorquiu Biff.

— Esses rapazes ainda estão aterrados pelo que se passou.

Pouco depois, apareceram outras testemunhas que confirmaram o que aqueles tinham dito. Horace estava cada vez mais inquieto, dizendo:

— Há que obrigar o xerife a castigar esses dois tipos, pelo que fizeram.

— São apenas dois — disse um dos jornalistas, de nome Leon. — Que medo é esse?! Se vierem, serão dignamente recebidos. Entretanto, Perry e Hilary tinham-se dirigido ao «saloon» de Annie, onde esta e Ethel os acolheram, contentes, acossando-os com perguntas. Nesse

momento, o xerife foi visitado por uns amigos para lhe pedirem a prisão de Perry e de Hilary.

— Não posso, de forma alguma, mandar prendê-los, visto que eles não foram culpados de coisa alguma. Os clientes que enchiam o «saloon» revoltaram-se contra os pistoleiros e...

— Tens de prendê-los se queremos continuar a ser respeitados.

— É preciso arranjar um pretexto. E agora não existe nenhum.

— Não serves para xerife, uma vez que tens medo... Deves entregar a estrela a alguém que não o tenha...

— Tu, por exemplo...

— Sim. Mas limitar-me-ei a aparecer com teu comissário! — Com efeito, assim aconteceu.

Entretanto, Leon e Victor acordaram no nome a dar ao seu jornal, que se chamaria «Star», dirigindo-se depois para a casa, onde já estava montada a tipo-

grafia e a redacção. Quando iam a entrar, ficaram apavorados. Todo o mobiliário, bem como os utensílios da tipografia estavam reduzidos a um monte de destroços, dos quais nada se podia aproveitar. Os três tipógrafos estavam enforcados ao fundo da casa, pendentes de uma viga do tecto. Leon e Victor saíram logo e uma vez na rua, deitaram a correr. Horace assim que os viu, olhou-os assombrado:

— Que se passa? Vocês estão brancos!...

— Os nossos tipógrafos foram enforcados e da redacção e da oficina só restam destroços...

— Não é possível... Isso representa uma verdadeira fortuna...

— Completamente perdida...

— E tudo isso por causa do disparate do assalto ao jornal de Hilary...

— Todos estávamos de acordo — disse Horace. — Não há que deitar culpas a

ninguém. E agora, sim, é que o juiz e o xerife podem intervir... Se forem precisas, arranjam-se testemunhas, que afirmem ter visto os dois saírem do edificio. — A seguir, sugeriu que deviam começar a cobrar o imposto de protecção.

Horace estava arrependido de ter ordenado que se assaltasse o jornal de Hilary. Precisamente, nesse motivo apareceu Biff, com uma notícia bastante desagradável. Os da outra parte da cidade andavam a fazer a cobrança da contribuição, aliás entregue da melhor boa vontade por todos os comerciantes e grande parte dos habitantes para que, em breve, reaparecesse o jornal de Hilary nessa parte da cidade.

Os outros estavam furiosos, coléricos e queriam pedir ao juiz que passasse uma ordem de captura contra Perry e Hilary, para que o xerife e os seus novos comissários a cumprissem.

CAPÍTULO VII

— Aí vêm os comissários do xerife — disse Annie.

— Já os vi! — retorquiu Hilary. — Volta para o balcão e não te preocupes. Só vem um para cá. O outro não se adianta para que, quando estivermos, a discutir, atacar-nos à traição... — Annie entrou dentro do balcão e tirou de uma gaveta um «Colt» que escondeu na blusa. Entretanto, o comissário acercou-se dele.

— Hilary. O juiz deu-nos ordem para te levarmos à sua presença... Quer fazer-te umas perguntas acerca da morte de três homens...

— Diz antes de três cobardes.

— E também sobre o assalto à tipografia...

— Foi o mesmo que fizeram com a minha... E tu foste um dos assaltantes...

— Eu? Bem vês que sou comissário do xerife!...

— Agora...

— Tranquiliza-te! — advertiu Perry. — Eu estou com os olhos em cima dele.

— Bem! — disse o comissário. Se não foste tu, eu vou dizer ao juiz...

— Não vais a parte nenhuma. Es muito esperto, mas não me enganas... O que tu querias era distrair-nos para que o cobarde do teu colega intervir, à traição... Eu bem os vi entrarem. Vem cá, Lauthing!...

— Que queres, Hilary? — perguntou o outro, acercando-se.

— Vocês não têm coragem de defrontar as pessoas?

— Estás enganado! Nós não viemos incomodar-te... Trazemos uma ordem do juiz, que quer interrogar-te. Tenho-a aqui. — E levou a mão ao bolso esquerdo do casaco.

Hilary adivinhou a sua intenção, que

era a de sacar um revólver que tinha escondido, e «segurou-o» logo, sendo imitado por Perry. Ao verem cair os dois comissários, dois clientes do «saloon» correram a avisar o xerife, que, por sua vez, foi imediatamente procurar o juiz.

— Venho apresentar a minha demissão. Não quero morrer...

O juiz não ficou menos assustado e dirigiu-se ao «saloon» de Horace.

— O senhor não devia ter vindo a minha casa. Se alguém o viu entrar...

— Eu posso entrar num estabelecimento para beber. Tens medo?

— É que não quero que associem certos factos com a sua visita...

— Percebo do que se trata! Mas não julgues que enganas esses rapazes... Como não os enganaram esses dois, dos quais vocês fizeram comissários, para enganá-los. O resultado está à vista. E agora é preciso nomear novo xerife.

E eu também não fico aqui. Não quero que me matem...

— O que todos têm é medo...

— Julgas que não é para tê-lo?!

— A equipa de Livingston está a chegar. E verá como tudo se arranja...

— Anderson poderia ter-nos ajudado e não quis...

— Está desgostoso pelo preço que deram às suas reses. É estranho que não lhe tivessem dito que tu és um dos principais compradores.

— Não se lhe pode fazer ver que o tínhamos enganado, antes. Agora seria pior.

— Se com Zack o obrigam a voltar ao leilão, que façam o mesmo com o seu gado...

— Não é solução. Se pagam muito menos a Zack, não terá motivos para estar aborrecido. Entretanto, John, o capataz de Zack, continuava à espera do dinheiro que lhe tinham oferecido por

acusar seu patrão. E não saía do hotel, por medo. Só sairia definitivamente dali, quando lhe pagassem. Mas o comprador não aparecia.

— Não esperes que ele te pague — disse-lhe outro. — Se fosse comigo, não te daria nem um cêntimo.

— Ele ofereceu-me cinco mil dólares e foi por isso que eu disse o que não é verdade. Se não me der o dinheiro, que me prometeu, direi toda a verdade.

— Se fizeres isso, enforcar-te-ão por teres mentido.

★

Entretanto, Zack, o dono das reses, estava mais enfurecido que ninguém. Os leiloeiros avisaram-no de que podia levar a manada para ser leiloada novamente.

Quando Perry e Hilary tiveram conhecimento do que se passava, o jornalista disse:

— Vamos falar com os leiloeiros.

—E depois, com o comprador — acrescentou Perry. Quando os leiloeiros os viram entrar no escritório, puseram-se em guarda. — Porque anularam a hasta pública?

— Foi o capataz de Zack, afirmando que tinhas actuado como «gancho».

— Em que Lei vem isso?

— Biff, o advogado, é que nos disse que o leilão devia ficar, sem efeito...

— Não há lei nenhuma que preceitue isso!... Nós é que vamos leiloar-te.

— E antes de que o tipo pudesse evitar, foi laçado por Hilary e impossibilitado de fazer um movimento. — Agora, vocês levantem as mãos ao ar!

Pouco depois, eram todos amarrados e ligados, uns aos outros, para serem arrastados por um cavalo, pelos arredores da cidade. Quando voltaram, ao cabo de uma hora, apresentavam um estado lastimoso. Três deles não havia espe-

rança de salvá-los. Os outros dois encontravam-se em estado grave. Ao saberem isso, o juiz e o xerife desapareceram da cidade. Ao mesmo tempo, um amigo de Horace procurou este para lhe contar o que se passava e que não havia autoridades.

— Mas então já não há homens valentes, para defrontarem esses patifes? — Apesar destas palavras, pouco depois abandonava o estabelecimento para se dirigir ao rancho de um amigo, tendo mandado dizer a Biff, que fosse ter com ele.

O dono do rancho, porém, ficou surpreendido ao vê-lo.

— Que vens cá fazer?

— Anda o diabo à solta, na cidade! — E referiu-lhe tudo quanto se passava.

— Foi asneira querer repetir o leilão.

— Biff disse que não...

— Apesar de dizer-se advogado, Biff não percebe nada dessas coisas.

— O caso é que eu estou assustado e, se voltasse agora para a cidade, esses dois enforcam-me-iam. Terei de ficar aqui uma temporada.

— Não me agrada que os meus vaqueiros te vejam aqui...

— Se eles forem à cidade, pede-lhes que não digam nada.

Biff não tardou a aparecer, resolvendo passar também uns dias com Horace, confessando que estava tão assustado como ele.

— Tu é que és o culpado. E tudo isto por causa da cantora.

CAPÍTULO VIII

— Anniel Sei que tens cá uma rapariga que canta admiràvelmente.

— Não é minha empregada, nem tenho nenhum contrato com ela. Canta, quando lhe apetece.

— Pois quero conhecê-la. E depois de cantar, quero dançar com ela.

— Estás enganado. Ela não é da laia dessas, com quem estás acostumado a lidar.

— É dessas que eu gosto mais.

Quando o tipo saiu, Annie foi logo aos aposentos de Ethel, pedindo-lhe para partir, por uns dias, a fim de evitar qualquer acto de malvadez, explicando:

— Trata-se do homem mais cruel que eu conheço. Nunca descansa, enquanto não satisfazer um capricho seu.

— Não me preocupa, nem tenho medo. Far-lhe-ei compreender que perde tempo e feitio.

Precisamente nesse momento apareceram Perry e Hilary, a quem Annie contou o que sucedia, pedindo-lhes para convencer Ethel.

— Annie tem razão... Mas não é bom esconder-se. É preferível enfrentá-lo com coragem, dizendo-lhe o que tem a dizer.

— Pois era isso o que eu pensava fazer...

— É preferível que não estejas aqui, para não comprometer o «saloon» de Annie...

— Não é isso que me preocupa, mas, sim, Ethel. Eu conheço muito bem Livingstone. Deve afastar-se dele.

Em virtude destas palavras, ficou resolvido que Ethel fosse hospedar-se no hotel. E pouco depois Hilary, Perry e Ethel saíam do «saloon».

Pouco depois, Zack apareceu à procura de Perry.

— Para quê? — perguntou Annie.

— Não querem pagar-me a manada e disseram-me que tem de ir novamente a leilão.

— Ele nada pode fazer... A culpa é do seu capataz...

— Depois dos leiloadores serem arrastados, John fugiu. Se eles insistem em novo leilão, fico arruinado.

— Pois Perry saiu há pouco e despediu-se até amanhã...

— O pior é que tenho de apresentar a manada amanhã. E os compradores, como estão de acordo, para se vingarem, hão-de roubar-me...

— Mas não apareça...

— E que hei-de fazer com este gado?

— Mande-o para outra cidade, pelo caminho de ferro... Requisite os vagões necessários para os conduzir aos matadouros...

Annie não pôde continuar a conversa com Zack, porque nesse momento outros clientes exigiam a sua presença. Estes pretendiam saber se Ethel cantava essa noite.

— Não sei! Como não tem nenhum contrato, aparece, para cantar, quando quer... — Ao responder isto, Annie supunha, e não se enganava, que esses clientes deviam ser homens de Livingstone.

Pouco depois, quando este teve conhecimento da sua resposta, explicou:

— Annie nunca me estimou. Somos da mesma criação e andámos no mesmo colégio. Fi-la rabiar, muitas vezes. E ela corria-me sempre à pedrada. Nunca demonstrou ter medo de mim. E provàvelmente, não mudou, se não se tornou ainda pior.

— Quem me preocupa bastante é esse tal rapaz forasteiro, que tem armado na cidade reboliço, ao ponto de fazer que o juiz e o xerife tivessem fugido.

— Pois eu estou desejando conhecê-lo. Se é o que dizem, gostaria que estivesse ao nosso lado... Ninguém poderia com a gente...

— O que mais me surpreendeu foi saber que Hilary, o jornalista é um pistoleiro, tão perigoso ou pior, como Perry.

— Veremos isso! O que há a respeito das reses?

— Há grande reboliço por causa dos

leilões... Eu não vi Patrick... Mas é de supor que porão o preço de sempre...

— Não foi a Patrick que arrematararam uma manada de Zackary Limerick?

— Foi... Mas o seu capataz declarc que essa tal cantora e o jovem forasteiro, intervieram na hasta pública, formando um cambão. E em virtude disso, anularam o leilão que deverá repetir-se amanhã.

— E ficarão com as reses por um punhado de dólares.

— Abutres.

Encontravam-se no «saloon» de Horace. Livingstone disse ao «barman», que mandasse chamar seu patrão. Aquele respondeu que Horace fugira com medo, indo esconder-se em casa de Steel.

— Calha bem! Iremos procurá-lo. De passagem, falarei com Steel! — Com efeito, Livingstone e o seu capataz foram em sua procura. Os três conversaram demoradamente, tendo Horace regres-

sado à cidade, porque contava com o apoio da equipa de Livingstone. Chegaram ao «saloon» de Horace, ao princípio da noite, indo encontrar Anderson ali.

— Posso afirmar-lhes — disse Horace — que esses dois tipos são perigosíssimos. Só eles laçaram os cinco leiloeiros, arrastando-os presos à cilha de um cavalo, fizeram que Leon e Victor, o juiz e o xerife fugissem apavorados.

— Quer dizer, assustaram todos esses cobardes! — comentou Livingstone. — E o caso é que como as festas estão próximas, a cidade não pode estar sem juiz, nem xerife. — Discutiram algum tempo, acerca disso, até que ele próprio sugeriu.—Tudo tem remédio. Nomeemos Biff juiz e o meu capataz, xerife.

Uma salva de palmas e, um coro de «Bravo! Bravo». sublinhou essa nomeação feita *ad hoc*. Organizou-se então uma manifestação que percorreu, de ponta a ponta, a parte da cidade, onde

tinham preponderância. Biff e o capataz de Livingstone iam à frente da manifestação. O último «saloon» onde entraram foi o de Annie. Já ali se encontravam Livingston e Andersen.

— Annie! — disse o novo xerife. — Dá de beber a toda a gente, em nome das novas autoridades da cidade.

— Quem paga? — perguntou ela.

— Tu!

Annie voltou-se para Livingston.

— A ordem é tua?

— A ordem é do xerife! — gritou o capataz, impando de importância.

— Pois nesta casa, quem dá ordens sou eu! — replicou Annie, sem se perturbar.

— É isso que vamos ver. Onde está a cantatriz? Manda-a chamar. Queremos ouvi-la...

— Ela não vem esta noite!...

— Foste tu que lhe disseste para não vir?!

— Porque insistes em considerar-te um homem importante, se não passas de um vulgar ladrão de gado?

— Sabes o que disseste? Sabes que estás na frente do novo xerife e que não tolero que insultes um honrado ganadeiro?

— Deixa-me rir! — disse Annie, começando às gargalhadas.

Nesse momento e perante a surpresa de todos, Ethel apareceu:

— Annie! Desculpa-me não ter-te mandado avisar, a tempo. Mas não tardarei a dar começo no meu reportório.

— Não há dúvida que é preciosa, Joel — disse o novo xerife para Livingston.

— Decerto! Não nos enganaram.

— Ora vamos lá ver se canta tão bem, como dizem. — observou o capataz.

— Que percebes tu disso, se estás acostumado apenas a ouvir mugidos?

— Será conveniente que não chalaces à minha custa...

— Queres meter-me medo, Livingstone? Enganas-te! Não te julgo tão feroz, como afirmam, embora veja esse, que está ao pé de ti, transido de medo... — E indicou Livingston.

Este, julgando-se desconsiderado, não se pôde conter:

— Livingston sou eu!

— Pela maneira autoritária como falou, parece que ele é que é o chefe. Como lhe permites que, na tua presença, seja ele quem dá ordens? Pareces um criado seu...

— Esta rapariga tem razão! — gritou Livingston, para o seu capataz. — Estás a exceder-te...

CAPÍTULO IX

O xerife-fantoche fitou Ethel com ódio. Depois disse para Livingston:

— Vais fazer caso do que esta rapa-

riga diz? O que ela quer é que questionemos.

— Afinal, eu é que tinha razão! — retorquiu Ethel. — Este tipo trata-o com a maior confiança, sem o respeito devido a um verdadeiro chefe! Estou a ver que Livingston não é o que me tinham dito. Está inferiorizado diante da placa de xerife. Por alguma coisa, foi eleito para esse cargo. Consideram-no com mais autoridade!... — Estas palavras surtiram o resultado desejado: tinham ferido a sua presunção...

— Tira a estrela do peito... E agora mesmo! — gritou Joe Livingston.

— Mas...

— Não há mas, nem meio mas! — E arrancou-lhe a estrela. Annie e Ethel sorriam intimamente, enquanto o capataz saía, sem uma palavra de protesto.

— Não devias ter tratado o rapaz dessa maneira. Deixaste-te levar pelas palavras da sereia.

Livingston começou a compreender a realidade. E agora furioso gritou para Ethel:

— Vais cantar imediatamente!

— Se eu quiser! — replicou ela. Ao ver, porém, o olhar de Annie, acrescentou. — Vou cantar, não por tua causa, mas por toda esta gente que enche o «saloon». — E recolheu ao interior para mudar de vestuário.

— Annie! Agora já sabes! Depois de ela cantar, vais oferecer umas garrafas de champanhe para todos nôs bebermos, em companhia da cantatriz...

— Desengana-te, Livingston — nas mãos de Annie tinham aparecido dois «Colt» 38. — Nem vocês beberão champanhe, oferecido por mim, nem Ethel se sentará ao pé de vocês! Sabes muito bem, que não me metes medo! Ponham-se todos na rua!

Livingston olhou à sua volta e notou que o seus homens estavam em minoria

em relação a todos os clientes e, empalidecendo, disse:

— Está bem! Mas... tem cuidado... Vê lá se esses «Colt» se disparam! — E saiu com os seus homens! Apesar disso, os fregueses receando que daí a pouco a quadrilha aparecesse reforçada, para tirar um desquite, foram saindo de forma que, quando Ethel apareceu sobre o tablado, no «saloon» não havia um só cliente.

Quando Annie lhe referiu o que tinha acontecido, Ethel disse-lhe:

— Não devias ter feito isso... São capazes de vingarem-se...

— Não me importo. Tu é que não devias ter vindo... Julgavas que era a pessoa que procuram?

— Que fazer agora? Crês que eles voltarão?

— É possível. Mas hoje já não. — Annie compreendeu que Ethel evitava responder à sua primeira pergunta. E com

grande aborrecimento e contrariedade dos seu empregados e empregadas, mandou fechar o «saloon». Depois, foi com Ethel para o hotel, onde passou a noite. Na manhã seguinte, quando tomava o pequeno almoço, soube que a equipa de Joe voltara ao «saloon», fazendo acordar todo o pessoal, em busca dela. Se ela não houvesse tomado a decisão de ter ido ficar ao hotel, teria sofrido um desgosto.

Nesse momento, apareceram Perry e Hilary, a quem Annie disse o que se passara, acrescentando:

— Ethel queria ver esses homens, esperando descobrir entre eles o que veio procurar.

A artista corou.

— Mas complicou as coisas de tal forma que é inevitável o gasto de chumbo.

— Eu não esperava que acontecesse isso... — alegou Ethel.

— O que as duas devem fazer é saírem da cidade por uns dias. — Para que elas não mudassem de ideia, acompanharam-nas à estação do Caminho de Ferro, metendo-as no comboio.

Quando o viram partir, regressaram à cidade. No caminho, encontraram uma curiosa caravana, com uma charanga. Tratava-se do reclamo ao rodeio. Tiveram de parar. Três vaqueiros faziam vários comentários.

— Vi-os há semanas em Wichita. O número mais sensacional é o de um cavalo ressabiado. Oferecem dois mil dólares a quem se conservar mais de um minuto montado nele. Quatro homens possantes seguram o animal com laços, para o concorrente montar. Mas cada um tem de pagar vinte dólares.

— Temos de ir ver esse exercício! — disse Perry, em voz baixa, tendo Hilary concordado com a ideia. — Quando começarão? — acrescentou.

— Não sei. Mas se andam a anunciá-lo, é de supor que seja hoje.

— Já tenho visto cavalos assim — observou Perry. — E há alguns que, quando são tratados, como é devido, pode-se estar mais tempo em cima deles...

— Não me digas que vais tentar isso...

— Quando vir o cavalo te direi.

Haviam chegado ao local, onde ia realizar-se o leilão do gado. Nesse momento, o pregoeiro, de cima do estrado, gritou:

— Meus senhores! Atenção! Vai leiloar-se a manada de «mister» Livingston. — E indicando a rês de amostra, explicou. — Como de costume, a unidade de preço será por cada libra-peso.

O duelo durou pouco tempo. O preço mais elevado foi de três cêntimos. Seguiu-se depois uma manada de um tal Mortimer, mas o preço não passou de cêntimo e meio. Quando o pregoeiro começou a contar: «Ninguém dá mais?

Uma... Ninguém dá mais... Duas...», ouviu-se uma voz feminina gritar:

— Todos os que intervêm neste leilão, são uns ladrões. Roubam-nos as reses que trazemos à custa de tanto trabalho e depois, aqui, pagam-nas a três cêntimos... E a nós, pagam apenas a um cêntimo e meio. Ladrões!

O pregoeiro, indiferente a estes protestos, continuava:

— Cêntimo e meio! Não há quem dê mais?... Uma!

— Quatro cêntimos! — disse Perry em voz alta.

Hilary fitou-o com espanto. Armou-se o natural reboliço. Todos olharam para Perry.

Um momento! — observou um dos directores do leilão. — Foi anulada a hasta pública a Zack Limmerick por causa da oferta do mesmo vaqueiro de agora. Segundo a lei, não se podem admitir «ganchos» nem cambões...

— Não te preocupes — disse outro. — Desta vez não vos farei subir o preço. Arrematem-na a esse preço.

O pregoeiro concluiu, da forma habitual:

— Não há quem dê mais?... Duas, três!...

A rapariga que protestara antes, dirigiu-se a Perry:

— Muito obrigada por evitar esse roubo! Chamo-me Mona Mortimer... Se não puder pagar agora...

— Se não pudesse pagar, não compraria a manada. Tenho no Banco dinheiro suficiente para isso. — E como dois condutores começassem a exigir o pagamento do seu trabalho, duzentos dólares a cada um e mais duzentos, atrasados, Perry acrescentou, dando-lhe um maço de notas. — Pague a esses homens, o que lhes deve, mediante recibo assinado.

CAPITULO X

Quando o pregoeiro indicou o nome do dono da manada, Perry protestou:

— Não se pode leiloar duas vezes a mesma manada. Se o comprador não tinha dinheiro, para o pagar, o que há a fazer é riscar o nome da lista e enviar uma nota aos matadouros.

— A hasta pública anterior foi anulada.

— Porquê?

— Disseram que uns «ganchos» tinham feito subir o preço...

— Fui eu um deles, mas podem comprovar que tenho no Banco um depósito de um milhão de dólares. — Um ah! de espanto e surpresa sublinhou estas palavras. — Ora se continuam a proceder assim, teremos de enforcar, juntamente com os ladrões de gado, todos os compradores que estão mancomunados para roubar os verdadeiros criadores de gado!

— A gritaria ensurdecedora que se ouviu a seguir, assustou os pregoeiros, os compradores e os da mesa. Um destes ainda quis deitar água na fervura, mas perante os protestos gerais, o comprador teve de entrar com o dinheiro porque comprara as reses de Zack. Entretanto, todos continuavam ainda assombrados pelo depósito do Banco, que ao ser consultado, acabava de confirmar.

Mona Mortimer tinha acabado de liquidar o seu débito com os dois condutores, convencendo-se de que eram dois cobardes vantajistas que estavam feitos com os compradores.

Depois disso, Mona foi acompanhada por Perry e Hilary, ao «saloon» de Annie. Quando já ali se encontravam, apareceu o capataz de Livingston, acompanhado pelos «seus» dois comissários, pretendendo convencer Perry a comprar as reses de Livingston.

— Não me enteressam...

—Sabes de quem são? De Livingston...

— É algum ganadeiro? — perguntou sorrindo.

— Não ouviste falar de nós?

— Porque havia de ouvir falar? Trata-se de alguma famosa equipa de salteadores e de abactores? Se é assim, não me interessam, nem oferecidas... Vamos embora, «miss» Mortiner...

— Quieto! — gritou o capataz. Não creio em nada do que disseste... E não julgues que vou deixar-te partir. Chamaste-nos ladrões de gado... Acabas de ditar a tua sentença de morte...

— Nesse caso, que queres que se faça com o teu espólio? perguntou Hilary.

Os dois que acompanhavam o capataz, não estavam dispostos a deixar-se matar. Perry deixou-os ir embora, por causa de Mona Mortimer, a qual não deixava de estar-lhe bastante agradecida, por causa da sua actuação.

— Se não fosses tu, tinham-me roubado a manada.

— Quantas cabeças são?

— Seiscentas...

— Vieram de longe?

— De Pecos. Tenho o rancho a cerca de três milhas da cidade...

Pouco depois, os três foram ao acampamento. Mas assim que chegaram, Perry exclamou:

— Como é isto? Aqui há mais de mil reses. Talvez, mil e quinhentas...

— Como é possível, se saímos com umas seiscentas e oitenta?!...

— Isso prova que juntaram à manada reses de outra procedência. Havemos de deslindar isso.

Quando estavam a comer, apareceram dois condutores, acompanhados de um indivíduo elegantemente vestido. Mona perguntou a um deles:

— Que querem?

— Em primeiro lugar, patroa, quere-

mos pedir-lhe desculpa por termos feito uma coisa, sem lhe pedir autorização.

— Que foi?

— Juntámos à sua manada as reses desse senhor, e precisamos separá-las agora.

Mona, que estava acostumada a questões de gado, compreendeu a verdade:

— Sinto muito isso. Eu não sabia nada e calculámos por alto para não termos de pesar as reses.

— Não te faças tola. Venho separar as minhas reses. A não ser que me dês o dinheiro que elas valem.

— Nós separamo-las — disse Perry, intervindo. — Qual é o teu ferro?

— Estes sabem quais são. Basta que eu diga que são minhas...

— Tens de dizer qual é a marca.

— O ferro é... — começou um dos condutores.

— Cala-te! — ordenou Perry. — O dono é que tem de dizer... E não se

separa uma só rês, sem que ele me responda... Não sabia que But Nelson era ganadeiro.

O elegante empalideceu.

— Quem te disse o meu nome?

— Julgas que não te conheço de Kansas City? E vocês não encontraram outro personagem que representasse melhor do que este o papel de ganedeiro? Que se passou em Kansas City para que chegasses até aqui?

— Eu não o tinha conhecido, inspector! Estes é que me pediram para fazer de dono do gado, prometendo-me duzentos dólares...

Os dois condutores, ao ouvirem de quem se tratava, procuraram defender-se. Mas Perry e Hilary dispararam sobre eles.

— Estes patifes estavam dispostos a ficarem com toda a manada, se não fosse a nossa intervenção.

— Não há nada que pague o que os

senhores fizeram. Nunca mais me acontecerá isto. Prefiro vender em Pecos, pelo preço que me quiserem dar. A lição ia-me saindo cara...

EPÍLOGO

Acompanhados de Mona Mortimer, Ethel e Annie, os dois amigos foram assistir ao rodeio.

Havia uma numerosa assistência. Annie notara que tanto Perry como Ethel olhavam com a maior atenção todos os cavaleiros que tomavam parte do rodeio. Quando apareceu o concorrente que ia prestar a sua prova com o «Colt», Ethel cravou nele o seu olhar. Ao ver isso, Annie perguntou-lhe:

— Este é o tipo que procuras?

— Parece-me que é um deles. Eram três. Os outros não devem estar longe. Andavam sempre juntos.

Depois de ter prestado a sua prova o concorrente foi aplaudido por todos os espectadores, pelo que, com os braços levantados, ele agradeceu, sorridente, todos os aplausos, especialmente os que partiam da tribuna central. Quando chegou à altura, onde Hilary e Perry se encontravam com as suas amigas, abaixou a cabeça e, dando meia volta, afastou-se apressadamente na direcção dos vestiários. Um dos proprietários correu ao seu encontro.

— Que tens? Porque não acabaste de agradecer os aplausos do público?

— Senti-me mal!

— Tens de tornar a sair para acabares de saudar o público.

— Já lhe disse que não me sinto bem — retorquiu com firmeza.

— Está bem! — disse o outro, retrocedendo.

Entretanto, Hilary disse para Perry:

— Esse homem conheceu-te...

— E eu, a ele. Não quero deixá-lo fugir. — E saltando, para baixo, correu na direcção das cabinas.

— Que se passa com Perry? — perguntou Ethel.

— Julgou reconhecer o concorrente do exercício com o «Colt».

— E ele também devia ter reconhecido — disse Mona — porque quando olhou para aqui, empalideceu e quase deitou a correr.

— Donde o conhecerá ele? — perguntou Ethel, dirigindo-se a Annie em voz baixa. — Tenho quase a certeza de que é um dos tipos que eu tenho procurado. Eram seis... Agora já sabes a razão por que vim cantar no teu «saloon». O meu intento era chamar a atenção de todos os curiosos e forasteiros que aqui viessem. Entretanto, Perry correu tudo à procura do tipo perguntando por ele a alguns empregados. Soube apenas que ele tinha saído, momentos antes, a ca-

valo, ignorando, no entanto, a direcção que tomara. Em vista disso, voltou ao seu lugar.

— Como se chama esse indivíduo, Perry? Reconheceste-o de algum lado?

— O seu nome era Redclift! Agora, talvez use outro nome...

— É ele! — exclamou Ethel.

— Donde o conheces? Dize...

— É um dos que mataram meu irmão, quando ia no comboio. Deram-lhe um tiro, à traição! E é isso que eu quero fazer, para vingar a morte de meu irmão.

— Não digas mais nada. Os outros devem andar também aqui... Há mais tempo que devias contar-nos toda a verdade e dizer que és a filha de Brancroft de S. Luís, o dono dos maiores matadouros daquela cidade.

— Quem te disse quem sou eu?

— Bastou falares na morte de teu irmão Georges...

— Conhecias meu irmão?

— Fomos companheiros de estudo. E esse tipo que fugiu há pouco é um dos que ia no comboio. Fugiu por haver-me reconhecido.

— Agora, compreendo... Perry! Perry, o inspector de que George às vezes falava. E não me disseste nadal... Deixaste-o escapar...

— Persegui-lo-ei. Os outros também devem cá estar... São todos culpados.

Quebrado o mistério da sua viagem a Dodge, Ether explicou tudo minuciosamente. Por seu lado, Annie estava surpreendida ao saber que Perry era inspector.

Nesse momento, anunciaram, através de um altifalante, que ia ser apresentado o cavalo que não se deixava montar e que ofereciam dois mil dólares a quem conseguisse essa proeza.

Inúmeros vaqueiros quiseram tentá-la.

Nesse momento, porém, Perry acercou-se do homem que segurava a rédea

do animal para lhe perguntar:

— Onde está o dono deste cavalo?

— Anda por aí...

— Como se chama?

— É o organizador deste espectáculo.

— O que meteram debaixo da sela? Agulhas finas ou bocados de arame?

O vaqueiro ia protestar, quando o organizador do espectáculo apareceu.

— Que surpresa vê-lo aqui, senhor inspector! — Ao ouvir isto, o vaqueiro começou a tremer.

— É verdade! E tão grande, que estava a perguntar a esse vaqueiro o que tinham metido debaixo da sela do animal. Quem lhes vendeu este cavalo?

— Caçámo-lo nós!

— E montaste-o alguma vez?

— Só se eu estivesse doido...

— Pois vais montá-lo agora... — disse Perry, empunhando já dois «Colts», diante do outro, que retrocedia aterrado.

— Vamos. Trata de montá-lo.

— Ele matar-me-á...

— Pois se não o montas, sou eu que te mato. — Hilary que acabava de aparecer, teve de disparar contra dois vaqueiros que pretenderam assassinar Perry, a traição.

— É o Inspector Scottl — explicaram dois empregados. — Os tipos julgavam que ele não os reconheceria.

— Vou contar três — ordenou Perry. — Leva o cavalo para a cerca... — O vaqueiro obedeceu. — Agora, larga-o. — Assim que viu o animal livre, Perry assobiou de uma maneira especial e o cavalo, endireitando as orelhas, relinchou, respondendo à chamada. — A ele... — O que então se passou, foi espantoso. O vaqueiro ainda quis fugir, mas já não teve tempo. Foi abocado, atirado ao chão e espezinhado, acontecendo o mesmo com outros dois condutores. O animal só amansou, quando Perry o chamou, como um cão que corresse para o dono.

★

Aterrado, ao saber o que se passara, Horace saiu da cidade, para se esconder no rancho, onde foi recebido por um grupo de rurais que o enforcaram ao lado de cinco ladrões de gado. Aproveitando a circunstância de não haver autoridade na cidade, as equipas de Anderson e de Livingston quiseram espalhar o terror, nos estabelecimentos.

Mas assim que entraram em Dodge, dois esquadrões de rurais, cercaram a cidade, acossando-os por todos os lados, não deixando um só com vida.

Ethel regressou a casa, com a promessa, por parte de Perry, de ir falar com seus pais, para que o casamento se realizasse o mais depressa possivel

Hilary foi nomeado chefe de todos os compradores de reses, devendo estar em contacto com Brancroft, proprietário dos matadouros. Os anteriores compradores

foram presos e enforcados também, pelos rurais por colaborarem com os ladrões de gado.

Em vista disso, Hilary propôs a Annie casamento, com a condição, porém, de vender o «saloon», ao que ela acedeu gostosamente, tendo adquirido uma das melhores vivendas da cidade.

Só Mona Mortimer não quis ficar em Dodge.

Voltaria para o rancho de seu pai, onde a esperava a felicidade, ao lado de seu noivo, o capataz do rancho, com quem iria casar, em breve.

F I M

Uma nova
colecção
de romances
policiais
e espionagem!

SELECÇÕES
ACÇÃO E CRIME

Obras de:
MARK HALLORAN
PETER DERBY
CLARK CARRADAS
EDGAR CAYGILL
©
SILVER KANE

Preço de cada volume:
8$00

ÂNGULO NEGRO

UMA COLECÇÃO
POLICIAL DIFERENTE
PORQUE SÓ INCLUI
LIVROS DO GÉNERO

«MÁSCARA NEGRA!»

Todos os maiores
autores do mundo
em obras de beneficência!

* * *

Todos os meses 1 volume — 12$50

Uma nova
colecção
de romances
do Oeste violento!

COLECÇÃO
RIO BRAVO

Romances
de grande acção,
violência,
lutas
•
perseguições

◇ ◇ ◇

Preço de cada volume:
8$00

Uma nova
colecção
de romances
sentimentais!

* * *

COLECÇÃO FLOR

* * *

Os autores
consagrados
do género
em obras
rigorosamente
seleccionadas

Preço de cada volume:
8$00

ROSS PYNN

ANTOLOGIA POLICIAL-1

OS GRANDES MESTRES DA LITERATURA POLICIAL

EM CONTOS SELECCIONADOS

Volume com mais de 500 páginas e capa a cores

35$00

CHUVA DE ESTRELAS

JENNIFER JONES

PREÇO: 2$50

EDITORIAL IBIS, LTDA.

DISTRIBUIDOR: LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. - RUA GARRET 73 - LISBOA